

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO EM SÊNECA

José Joaquim Pereira Melo*

Resumo: O presente trabalho tem como preocupação fazer algumas reflexões sobre o conceito de educação de Sêneca. A educação, para esse pensador, consistia na subordinação das tendências instintivas à razão, e a condição fundamental para essa sujeição era o conhecimento de si mesmo. Isto implica que, em sua concepção, o processo formativo tinha um caráter de auto-educação, cujos princípios fundamentais eram a moral, a virtude, a liberdade, a sabedoria e a filosofia. Assim, o pensamento de Sêneca deve ser abordado segundo dois eixos condutores significativos. O primeiro é que a sabedoria e a filosofia são realidades inseparáveis; o segundo, que tanto a filosofia como a sabedoria fazem parte da substância da educação. O primeiro diz respeito à meta da formação, ou seja, à educação "consumada"; o segundo refere-se ao objetivo imediato, instrumento e caminho para formação, quer dizer, a educação se "realizando".

Palavras-Chave: Sêneca; Estoicismo; Filosofia, Educação.

THE EDUCATION CONCEPT IN SENECA

Abstract: The present study worries in making some reflection about the education concept in Seneca. The education, for this thinker, consisted in the subordination of the instinctive trends to the reason, and the essential condition for this subjection, was the knowledge in oneself. It implicates that, in its conception, the formative process had a character of self-education, which the basic principles were the moral, the virtue, the liberty, the knowledge and the philosophy. Therefore, the Seneca thinking must be treated according to two significant conductor axles. The first is that the knowledge and the philosophy are inseparable reality; the second that as much the philosophy as the knowledge make part of the education essence. The first is about the formation target, or rather, to the "consummate" education; the second refers to the immediate objective, instrument and road to formation, in other words, the "realization" of the education.

*Doutor em História. Professor do departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá

Keywords: Seneca, stoicism, philosophy, education

A figura e a obra de Sêneca¹ fazem parte do complexo contexto histórico romano, marcado por dois pontos significativos de referência: a presença ainda operativa do helenismo e a vigência do Estoicismo.

O helenismo, resultado das conquistas militares de Alexandre Magno (322 a.C.), é caracterizado pela interação entre a cultura ocidental e a cultura oriental. Na fase inicial, por estar sob a tutela do pensamento grego, o helenismo ainda considerava a razão como solução para os problemas do homem; mas, ao longo do tempo, com a fusão entre os valores gregos e as mais diversas tradições culturais, foi ocorrendo um rompimento com a filosofia racional. Nesse novo cenário, o cidadão era concebido como um ser que estava impossibilitado de interferir na vida da *polis*; o homem deixara de ser o animal político que participava ativamente dos destinos da cidade. Nessa forma de entendimento, a vida pública era substituída pela vida privada. As preocupações coletivas cediam lugar às preocupações individuais. Enveredando para uma forma de misticismo, a filosofia assumiu um outro conteúdo, que implicava um descrédito nos avanços intelectuais respaldados na razão ou na experiência.

No que se refere às diferenças fundamentais dos seus ensinamentos em relação aos filósofos anteriores, os helenistas eram unânimes em um ponto: encontrar um meio para libertar o indivíduo dos rigores e dos males da vida.

Com a preocupação de dar uma resposta imediata aos problemas da adaptação postos ao indivíduo pelas transformações sociais, elas terão um caráter e uma função "ideológicos" mais marcados do que as filosofias da idade clássica. Por outro lado, elas saberão atingir o nível de universalidade suficiente para representar, em face das provações da vida, diversas atitudes possíveis da consciência, que aparecerão rapidamente como outras tantas categorias intemporais ou estereótipos culturais propostos ao homem Ocidental (Aubenque, 1981, p.158).

¹ Lúcio Aneu Sêneca nasceu em Córdoba no ano 4 a. C. e morreu em 65 d. C.. Foi um advogado, político e orador brilhante que se tornou questor e, mais tarde, ascendeu ao cargo de cônsul.

Em contato com a cultura grega, os romanos entraram na órbita do helenismo e, sobre aquele complexo modelo de saberes, redescrivendo-o de forma a atender ao seu espírito prático e pouco dado às grandes reflexões filosóficas, eles organizaram a sua própria identidade cultural. Dessa forma, as discussões lógicas características da cultura grega não tiveram espaço na *Stoa* romana.

Essa particularidade prática do pensamento romano encontrou sustentação no Estoicismo, fundado por Zenão (336 - 263 a. C.). Esse filósofo, defendendo a austeridade física e moral, baseada na resistência do homem ante o sofrimento e os males do mundo, ao mesmo tempo recomendava a seus adeptos a participação nos negócios públicos como um dever de todo cidadão.

O apreço do Estoicismo pelo dever, a autodisciplina e a sujeição à ordem natural das coisas vinha ao encontro das antigas virtudes romanas e dos seus hábitos conservadores, bem como da sua insistência nas obrigações cívicas. Enfim, sua doutrina a respeito do cosmopolitismo estava de acordo com a mentalidade política romana e com o orgulho romano de ser um império mundial.

Em sua especificidade, o Estoicismo romano colocou em discussão, de maneira não-marginal, a pedagogia, a qual, com a noção de *humanista*, tornou-se ponto central da cultura e da formação do homem romano. Naquele momento, em Roma, o homem sentia-se revestido de uma humanidade universal, deixando de se considerar apenas um cidadão ligado ao *mos maiorum* e ao papel de *civis romanus*. São criados assim modelos de pedagogia estritamente ligados ao saber mais universal e mais autônomo, o saber filosófico (Cambi, 1999, p. 110-111).

Essa preocupação pedagógica marcou a reflexão filosófica de Sêneca, embora este tenha vivido alguns séculos depois do fundador do Estoicismo. Ele deixa explícita a intenção educativa de sua obra em uma de suas cartas a Lucílio, o seu discípulo preferido:

(...) estou trabalhando para a posterioridade. Vou compoendo alguma coisa que lhe possa vir a ser útil: passo ao papel alguns conselhos, salutareis como as receitas dos remédios úteis, conselhos que sei serem eficazes por tê-los experimentados nas minhas próprias feridas (...). Indico aos outros o caminho justo, que eu próprio só tarde encontrei, cansado de atalhos (Cartas 8, 2-3).

Essa orientação transformou Sêneca em uma das vozes romanas mais importantes e significativas em matéria de pedagogia.

Da sua ampla produção destacam-se, pelo conteúdo pedagógico, alguns dos seus *Diálogos: sobre a brevidade da vida, sobre a tranqüilidade da alma, sobre o ócio*, e, particularmente, as *Cartas de Lucílio*. Neles Sêneca esboçou um modelo pedagógico de caráter estóico que desembocava necessariamente num processo de auto-educação.

Ainda resta muito trabalho a fazer. Se desejas atingir este objetivo, careces de muita atenção da minha parte, mas também de bastante esforço da tua. A virtude não se conquista por procuração (Cartas 27,4).

Para Sêneca, a direção desse processo somente seria possível com o entendimento da condição humana: Que é o homem? Qual o seu destino? E o seu bem supremo?

À primeira questão Sêneca responde com uma definição clássica: o homem é um animal racional. A plenitude humana se realizaria caso o homem cumprisse o fim para o qual nasceu: "viver conforme a natureza". Para ele, essa máxima tinha um conteúdo metafísico, uma vez que a natureza era entendida como uma especificidade do homem, ou seja, este era naturalmente dotado de razão. Logo, "viver segundo a natureza" significava desenvolver esse potencial. Essa submissão à ordem universal, cuja inexorabilidade era racionalmente reconhecida, deveria ser espontânea. Por esse caminho chegava-se à virtude, ao bem maior, à felicidade suprema (Reale, 1994), por extensão objetivo fundamental da educação.

Qual é a qualidade exclusiva do homem? A razão: quando a razão é plena e consumada proporciona ao homem a plenitude. Por conseguinte, uma vez que cada coisa quando leva à perfeição a sua qualidade específica se torna admirável e atinge a sua finalidade natural, e uma vez que a qualidade específica do homem é a razão, o homem torna-se admirável e atinge a sua finalidade natural quando leva a razão à perfeição máxima. À razão perfeita chamamos a virtude, a qual é também o bem moral (Cartas 76, 10- 11).

Chegando a essa compreensão, o processo formativo fluiria de maneira rápida e tranqüila. Entretanto, Sêneca identificou um sério obstáculo, que comprometia o seu desenvolvimento: o caráter racional da alma coloca o homem acima dos demais seres do universo. Por ser ela algo "divino", detém força e poder singular: é "um deus que se hospeda no corpo humano" (Cartas 31, 11); no entanto, essa mesma alma, em virtude da qual a natureza humana guarda um certo parentesco com a "divindade", raiz de todas as suas perfeições, se acha presa no corpo humano como que em um cárcere. Em grande medida, é limitada e condicionada por ele: o corpo se constitui para a alma um obstáculo que a impede de alçar às alturas da perfeição a que é chamada. Em rigor, a parte superior e mais nobre da natureza humana se acha submetida e escravizada, exatamente por aquela parte tida como inferior.

De facto este nosso corpo é para o espírito uma carga e um tormento; sob o seu peso o espírito tortura-se, está aprisionado, a menos que dele se aproxime a filosofia para o incitar a alçar à contemplação da natureza, a trocar o mundo terreno pelo mundo divino. Esta a liberdade do espírito, estes os seus vãos: subtrair-se ocasionalmente à prisão e ir refazer as forças no firmamento! (Cartas 65,16).

Esta era, para Sêneca, a lamentável condição em que se encontrava o ser humano, cuja difícil existência se radicava não somente na escravidão, mas também na enfermidade provocada pelas paixões, verdadeiras úlceras da alma, pois a alma submetida pelas paixões torna-se uma alma enferma.

Como resultado desse quadro, surgia o "homem vencido" (Redondo, 1997). Mas enquanto "dona de si mesma", a alma tem forças que podem ajudar o homem reverter esse quadro: aqui, o otimismo pedagógico que Sêneca professa passa pela razão e pela luta ascética:

A natureza deu-nos energia suficiente. A questão está em aproveitá-la, em juntar todas as nossas forças e pô-las ao nosso serviço ou, pelo menos, em não as virar contra nós mesmos. A falta de forças não passa de pretexto; o que temos na realidade é falta de vontade! (Cartas 116, 8).

Neste sentido, o homem deveria lutar para se libertar dos limites a que está submetido, e cabe à educação ajudá-lo a alcançar esse objetivo.

A partir da antropologia senequiana, pode-se compreender o conceito de educação em que se apóia o pensador, o qual fica expresso em sentenças como:

(...) de nada serve o ouro a prata: com estes materiais é impossível modelar a imagem da divindade (Cartas, 1991,31-11).

(...) começamos a formar e a corrigir a nossa alma antes que as más tendências cristalizarem (Cartas, 50-5).

Que a nossa alma, portanto, se habitue a entender e a suportar o seu destino (...)

(Cartas, 91-15).

Ninguém, a não ser que formado a partir da base e totalmente orientado pela razão, pode estar apto a conhecer todos seus deveres e saber quando, em que medida, com quem, de que modo e por que razão deve agir (Cartas 95,5).

Desta forma, Sêneca explica a Lucílio, o seu discípulo preferido, a tarefa educativa que pretendia realizar nele e com ele:

E

Se o prazer que o agricultor sente pela árvore, culmina quando ele dá fruto, se a alegria do pastor lhe vem das crias do seu rebanho, se qualquer homem sente no filho que criou como que a própria adolescência, nós, educadores espirituais, que pensas tu que sentiremos ao ver subitamente adultos os espíritos de que tomamos conta ainda débeis? Tu estás ligado a mim, és obra minha. Quando eu vi a natureza do teu carácter, deitei-te a mão, aconselhei-te, estimulei-te, e não te deixei avançar com lentidão, fiz-te de imediato ir para a frente (Cartas 34,3).

O modo como Sêneca descreve a educação nesta citação tem como objetivo destacar que no processo educativo o fundamental era modelar o carácter e a personalidade, e que, nesta tarefa, o educando tinha papel fundamental, o que não o impedia de receber ajuda externa.

Embora Sêneca reconhecesse a contribuição que o processo educativo poderia receber do mundo exterior, a chave da formação se radicava no esforço pessoal do indivíduo para se educar.

No fundamental, nada podia substituir a própria formação.

Assim sendo, Sêneca punha em destaque a capacidade do homem para se autodirigir e, sustentado pela moral e pela razão, reconhecer-se como parte integrante de um todo. (Ullmann, 1996).

Para Sêneca, o essencial na educação não era a aquisição de habilidades intelectuais e a assimilação da cultura, mas a regeneração do homem. Em face disto, o pensador define a escola como "o lugar onde se investigam as qualidades do homem de bem, donde se aprende a sê-lo". (Cartas 76,4).

Não obstante, essa regeneração de que consiste a educação não dispensa a dimensão intelectual, que se torna viável quando o aluno domina as suas paixões e, uma vez dominadas, se encaminha progressivamente a um peculiar saber de tipo soteriológico, não muito extenso, que Sêneca qualifica de "sabedoria". (Redondo, 1997).

O saber, conforme entendia o pensador, não se limitava à compreensão das leis do universo e à busca do fundamento da realidade, mas tinha como função principal a formação do homem (Li, 1998, p.16) que lhe indicasse como se conduzir, ou seja, quais decisões e atitudes tomar para se libertar do estado de inércia espiritual a que está submetido, libertando-se a si mesmo, para se revestir de um homem novo.

Nesse processo, papel quase decisivo tinha a liberdade, a qual estava intimamente vinculada ao problema do conhecimento e da auto-educação.

À medida que a fonte geradora da liberdade era a sabedoria e o caminho que levava à sabedoria era a filosofia, a responsável pela formação do homem - a ação educativa - se diversificava e se concretizava em atividades que permitissem modelar a alma.

A filosofia, para Sêneca, não se resumia em preceitos ou em um saber teórico, mas definia-se no exercício da virtude e manifestava-se na própria vida (Li, 1998, p.16). Assim ele a considerou:

A filosofia não é uma habilidade para exhibir em público, não se destina a servir de espectáculo; a filosofia não consiste em palavras, mas em acções. O seu fim não consiste em fazer-nos passar o tempo com alguma distração, nem em libertar o ócio do tédio. O objectivo da filosofia consiste em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos actos, em apontar-nos o que devemos fazer ou pôr de lado,

em sentar-se ao leme e fixar a rota de quem flutua à deriva entre escolhos. (Cartas 16,3).

Isto posto, se explicitam partes das operações que a filosofia realiza no homem e com o homem, as quais constituem as diversas vertentes que devem harmonizar toda autêntica educação. De modo geral, pode se dizer que a filosofia tem uma função "configuradora"; porém, para realizar esta tarefa, a filosofia tem que primeiro curar a alma, exercendo uma função "terapêutica" e "exortadora".

Além disto, a filosofia orienta e rege a conduta humana -sua função "diretiva"; por outro lado, aponta o que se deve e não se deve fazer - sua função "normativa".

Não obstante, a filosofia não se contenta em infundir "princípios" ou "convicções": dita "preceitos", ou seja, regras de conduta. Outra das virtualidades da filosofia é que proporciona segurança e firmeza em meio às dúvidas e dificuldades; tem, portanto, uma função "confirmadora" e "confortadora".

(...) filosofia dá-lhe a possibilidade de manter a alegria com a morte diante dos olhos, de estar forte e contente seja qual for o estado físico, de não perder a força da alma quando se esvai a do corpo. (Cartas 30,3).

Acrescente-se a isto o fato de a filosofia ser a fonte dos verdadeiros prazeres: daí a sua função "gratificadora"

Tu não podes escapar ao inevitável, mas podes vencê-Lo!
Abre-se caminho à força, e esse caminho será a filosofia a indicar-to. Dedicá-te a ela, se de facto queres salvar-te, se queres viver seguro e feliz, se queres, enfim, e isso é o fundamental, ser livre. (Cartas 37,3).

Enfim, ao cumprir estas funções, a filosofia socorre o homem, resgata-o da escravidão e libera-o da Fortuna: tem uma função "soteriológica".

Para repelir todas as violências do acaso a filosofia possui um incrível poder. Nenhum dardo pode penetrar no seu corpo, tão bem defendida e resistente ela é; (Cartas 53,12)

A filosofia deverá circundar-nos, como uma muralha inexpugnável que a fortuna, embora a assalte com inúmeros engenhos, nunca poderá transpor. A alma que se aparta de tudo quanto é externo, que se defende no seu domínio próprio, alça-se por isso mesmo a um lugar inacessível donde vê todos os dardos cair sem lhe tocarem. A fortuna não tem um braço assim tão longo quanto se julga: apenas atinge os que dela se encontram próximos. (Cartas 82,5).

Formação da alma, orientação para ação, direcionamento moral, refúgio e consolação, negação dos vícios, retorno à natureza e reflexão sobre a morte: tais são, para Sêneca, as formas que incorpora esta arte de vida que é a filosofia. (Li, 1998, p.19).

Com este perfil, a filosofia assume um papel prático: não ensina apenas a conhecer coisas, mas ensina a viver bem, conforme a virtude (Fraile, 1965).

Outro traço da educação concebida por Sêneca diz respeito a sua condição "permanente", visto que a sabedoria não se esgota e nunca é tarde para aprender.

(...) ando a escutar as lições de um filósofo, já há cinco dias que frequento a sua escola (...) *"Bela idade para ir à escola!?"* E por que não? Não o cúmulo da insensatez desistir de estudar só porque há muito tempo já que se deixou a escola? *"Ora essa! Então eu hei-de pôr-me ao nível dos miúdos, dos adolescentes?"* Dar-me-ei por muito satisfeito se a minha velhice me não der outros motivos de que me envergonhe: a escola de filosofia aceita gente de todas as idades. *"Então é para isso que envelhecemos, para imitar os jovens?"* Pois se eu, apesar de velho, posso ir ao teatro e ao circo, se não há combate de gladiadores a que eu não assista, porque hei-de envergonhar-me de ir assistir às lições de um filósofo?... Temos de estudar enquanto formos ignorantes; e, se é verdadeiro o provérbio, temos de aprender até morrer!

Por outro lado, o princípio da educação permanente não pode se traduzir na possibilidade de se estacionar em uma "infância" moral e espiritual (Cartas 36, 3-4).

Há então, alguma hora em que não devamos aprender?

Não há; somente se em qualquer idade é correcto nós estudarmos, já nem em todas é próprio aprender as primeiras letras. (Cartas 36, 4).

Em face disto, Sêneca aconselha a Lucílio:

Um velho na escola primária é vergonhoso e ridículo: devemos é adquirir em jovens os conhecimentos a utilizar na velhice! (cartas 36,4).

Nesta última máxima se identifica um segundo motivo pelo qual a educação é permanente: além de não se esgotar, não se obtém a sabedoria plena. (Redondo, 1997).

Só há uma solução, portanto: ser firme e avançar sem descanso. O caminho que resta percorrer é mais longo que o já percorrido, mas grande parte do progresso consiste na vontade de progredir. De uma coisa tenho eu plena consciência: quero progredir, quero com toda a alma! Sei que também tu estás cheio de entusiasmo no sentido de buscar atingir a virtude com todas as energias. Avancemos, pois só assim a vida nos será de utilidade. (Cartas, 71, 3).

Nessa dinâmica pedagógica, que em última instância leva à aquisição da virtude e, com esta, à conquista da felicidade, a liberdade e a filosofia desempenham papel decisivo, Ambas constituem a essência da conduta moral. Para Sêneca, sem o conhecimento não existe liberdade e sem liberdade não há moralidade.

Enfim, vale enfatizar que o traço mais original do pensamento pedagógico senequiano tem base na idéia de que a filosofia deveria ser vivida, rompendo assim com a acumulação de conhecimentos desprovidos

de conteúdo moral. Esse foi o motivo de Sêneca ter negado qualquer valor à ação voltada para si mesma. O valor de uma ação está no seu fundamento ético: fazer um benefício, orientar, ensinar, meditar, praticar austeridade física eram práticas que incorporavam valor apenas se executadas com um fim moral.

Daí a importância da formação do "sábio". Esse seria o homem que, compreendendo e respondendo a esses valores fundamentais, materializaria o processo formativo.

O estudo do pensamento senequiano na atualidade se justifica pela grande influência que exerce sobre a cultura ocidental desde a Antigüidade, principalmente no que se refere à moral. Segundo Reinhold Aloysio Ullmann, apesar de legítimo representante do pensamento pagão, Sêneca influenciou, na Antigüidade, as reflexões dos chamados Padres da Igreja, como Clemente de Alexandria, Tertuliano, Santo Ambrósio e Santo Agostinho. Na Idade Média não foi diferente: fica evidenciado na obra de Tomás a Kempis, entre tantas outras, que seu pensamento foi convocado de maneira efetiva.

Uma rápida vista d' olhos há de mostrar como Sêneca exerceu influência na posterioridade (...) é consabido que os primeiros apologistas cristãos, Clemente de Alexandria (ca.145 - 214) e Tertuliano (ca. 155 - 235), são admiradores e imitadores de Sêneca. Em sua obra *O Pedagogo*, Clemente ministra regras de vida (...). Tertuliano, apesar de alimentar desprezo (...) a os filósofos pagãos (...), faz duas exceções - Sêneca e Apuleius (ca. 125 - 161). (...) Dessarte, antecipou-se a Santo Ambrósio (ca. 340 - 397), o qual demonstrou ampla abertura para com a filosofia pagã, dizendo (...): toda verdade, seja dita por quem for, dimana do Espírito Santo. Em ordem cronológica, chegamos a Santo Agostinho (354 - 430). Porém, vai mais longe ainda a influência espiritual de Sêneca. Na *Imitação de Cristo*, de Tomás a Kempis (1380 - 1471), deparamo-nos bastante vezes com citações quase literais de pensamentos do estóico romano. Ele está espalhado em vários capítulos, como por exemplo, ao falar sobre a amizade, sobre a busca da solidão, sobre o uso do

tempo, sobre a escolha das leituras, etc (Ullmann, 1996. p. 63 - 64).

Na modernidade, ao longo da Reforma Protestante e do Renascimento, e até mesmo na contemporaneidade, Sêneca emergiu. Inspirou Montaigne, Descartes, Leibniz, Kant e Nietzsche.

No tempo da reforma e do Renascimento, (Sêneca) renasceu para inspirar, por exemplo, a meditação de Montaigne. Nos tempos modernos, torna-se presente, em Descartes, Leibniz, no campo literário como no filosófico, de Kant a Nietzsche (Zilles, 1996, s/p).

Não se pode esquecer a contribuição de suas idéias de igualdade entre os homens para a elaboração dos direitos humanos, da mesma forma como se deve considerar o resgate do conceito de ócio produtivo, proposto pelo pensador como um contraponto ao processo exploratório do trabalho montado na atualidade.

Esta permanência no tempo é significativa para justificar um estudo sobre o pensamento de Sêneca, que não ficou limitado ao seu momento histórico, mas invadiu outros tempos, distanciados do seu, num processo dinâmico e criador, evidenciando a validade de seu modelo pedagógico em outras sociedades. Tal constatação abre várias possibilidades de estudo.

Por um lado, o estudo do pensamento de Sêneca na atualidade requisita uma visita a distintos momentos históricos, um exercício arqueológico para se proceder ao levantamento da sua pródiga contribuição aos "pares" destes diferentes tempos. Por outro, é interessante investigar as contribuições de suas propostas educacionais para o presente. Observa-se que os princípios éticos e morais por ele defendidos, no sentido de fazer do indivíduo um ser virtuoso e feliz, podem ser adequados aos complexos problemas que o homem enfrenta na atualidade. É instigante observar que as preocupações existenciais do homem apresentam traços de semelhança em todos os tempos, lugares e culturas, mas, em rigor, assumem diferentes perfis e funções de acordo com as particularidades de cada época.

Nessa linha de raciocínio, Reinhold Aloysio Ullmann apresenta o pensamento de Sêneca da forma seguinte:

Os escritos de Sêneca ainda hoje conservam profunda validade, porque perpassados de perenes valores humanísticos. Ele procurou responder à interrogação fundamental da existência humana. Como deve o homem agir e portar-se, em meio à angústia e à preocupação da vida, para assegurar (...) a felicidade e a paz (Ullmann, 1996, p.63).

Desta forma, no pensamento de Sêneca, que ultrapassou centúrias, podem-se apreender lições que parecem atuais, no que diz respeito à formação do homem e à solução para os seus problemas existenciais. Possivelmente isto se deve à utilidade prática que esse antigo pensador atribuía a tais problemas, quanto ao entendimento da natureza humana e à determinação dos valores da existência.

Referências:

AUBENQUE, Pierre. "As filosofias helenísticas: estoicismo, epicurismo e ceticismo". CHÂTELET, François. *História da filosofia - idéias, doutrinas*. Rio de Janeiro, 1981.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo, Editora UNESP, 1999.

FRAILE, Guillermo. *História de la Filosofía*. Madrid, BAC, 1965, Vol. VI.

LI, Willian. "Introdução". *Sobre a brevidade da vida*. São Paulo, Nova Alexandria, 1998.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. São Paulo, Loyola, 1994, Vol. IV.

REDONDO, Emilio e LASPALAS, Javier. *História de la educación*. Madrid, DYKINSON, 1997.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *O estoicismo romano*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996.

ZILLES, Urbano. "Apresentação". IN: ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *O estoicismo romano*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996.